

Ações buscam retirar menores das ruas

Ações sociais, escolas de tempo integral, bolsa escola e planos de erradicação do trabalho infantil vêm tentando reduzir o número de menores nas ruas ou fazendo bicos.

Cerca de 100 menores estão inscritos no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), de Colatina, recebendo R\$ 25,00 cada um, para freqüentar a escola e outros R\$ 20,00 pagos pela Prefeitura, para dinamizar o plano federal de combate à exploração da mão-de-obra infantil e ao mesmo tempo fazer com que retornem às salas de aulas.

Apoio

Nas contas da coordenadora da assistência social de Colatina, Elisther Gama Torresani, mais de mil crianças recebem apoio da prefeitura, para continuar na escola e desenvolver atividades paralelas de lazer e cultura.

Outra ação que produz bons resultados é a integração comunidade/empresa/administração municipal e a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB). No momento, 80 crianças participam das jornadas educativas da entidade.

"A situação é complexa. Enfrentamos problemas na hora de tirar esses meninos e meninas das ruas. A maioria é arrimo de família. Ganham muito mais do que a verba do Peti, às vezes de forma ilícita", disse Elisther, observando que quando a família está desamparada devido aos baixos salários ou renda nenhuma, o menor serve de esteio. "Os papéis estão trocados. A situação da criança causa piedade. O filho sustenta a casa, o pai está na rua e a mãe



Nilo Tardin

RUA

Muitos menores dizem que trabalhar na rua rende mais do que o dinheiro que é pago pelo Peti, para que eles freqüentem as salas de aula. Mas existem ações visando a reduzir este contingente que ainda é considerado alto

Trabalho infantil gera polêmica em Colatina

Desemprego e abalos na economia regional, provocados pela crise cafeeira, levam cada vez mais crianças e adolescentes a trabalhar, estimulados pela própria família

Censo aponta 42 mil menores no município

O Censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulga que dos 105 mil habitantes de Colatina, 31.465 possuem entre 0 e 14 anos e 11.216 têm entre 15 e 19 anos.

O batalhão de jovens na fase produtiva encontra poucas opções trabalho, devido à falta de capacitação para atender às exigências da lei federal, que regulamenta a condição de "menor aprendiz". Dois cursos serão iniciados amanhã, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), de Colatina.

Vagas

Serão 60 vagas para auxiliar de escritório e balconista vendedor. A carga horária será de 310 horas e os menores cumprirão estágio de 1.290 horas nas empresas, que começam a contratar já na próxima semana.

O encarregado do Corpo de Assistência ao Menor de Colatina (Camcol), Werlen Galon, disse que seis grandes firmas se prontificaram a empregar jovens entre 15 e 18 anos. "Na sede do Camcol aparecem de 20 a 50 pessoas diariamente, pedindo vagas para os filhos. Há mais de 200 nomes na nossa lista de espera. Com a abertura de frentes de trabalho nas empresas, podemos marcar o teste de novas adesões para o final deste ano", disse Galon.

Guardas

São 160 Guardas Mirins que fazem o controle do cartão de pagamento do estacionamento rotativo nas principais vias do centro desta cidade. O faturamen-

pediade. O filho sustenta a casa, o pai está na rua a mãe ou madrasta abusa dos maus tratos," revela.

Na recente pesquisa feita com 100 menores com idades entre 15 e 17 anos, que recebem pelo Peti, a estatística aponta que das 63 famílias envolvidas, 155 adultos estão desempregados; 152 recebem menos de dois salários. Mais de 80% dos entrevistados acham positivo os meninos trabalharem e 50% afirmam os filhos usam o dinheiro para o próprio gasto. Aproximadamente 86% possuem baixo nível de instrução ou são analfabetos e sem condições de se auto-sustentar. De acordo com Elisher, na zona rural, devido às históricas condições do envolvimento das crianças na roça, o combate fica mais complicado.

Ajuda

"A sociedade diz não ao trabalho infantil, quando pára de comprar qualquer coisa das crianças e também de dar esmolos, o que as desestimula a continuar as vendas", sustenta Elisher, afirmando que o Peti atinge 334 pessoas indiretamente. Está nos planos dos dirigentes públicos a aplicação de cursos de aperfeiçoamento destinados às famílias de baixa renda.

"Muitos esmolam por vício. A caixa de engraxate ou produtos de venda podem ser um disfarce", emenda a também assistente social Marlene Magnago Bertolo. Ela identificou o perfil das crianças tiradas da rua pelos programas de cooperativas e escola integral. "Para se ter uma idéia, entre eles estavam 57 ambulantes, seis engraxates, 12 babás, seis catadores de latinhas, quatro mecânicos e seis vigias", enumera Marlene.

Colatina - Sucursal - A polêmica sobre o trabalho infantil foi avivada na última semana, nesta cidade, após a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) notificar a indústria e o comércio a dispor 5% das vagas para a condição de "menor aprendiz", conforme a Lei nº 10.077/00.

Na semana em que o Estatuto da Criança e do Adolescente completa 12 anos e cujo artigo 60 impede que jovens de até 14 anos exerçam qualquer atividade profissional, o trabalho infantil cresceu, especialmente, na faixa de 10 a 17 anos. Do ponto-de-vista dos pais dos adolescentes e autoridades, o trabalho freqüente significa manter os jovens longe do perigo das ruas, da prostituição e das drogas.

Atividade

Seja no mercado legal ou em ramos da economia informal, um pequeno exercício de jovens trabalhadores pode ser visto diariamente, atuando na praça como guardas mirins, entregadores, empregadas domésticas, safristas,

NILO TARDIN

engraxates, balconistas, lavadores de carro, ambulantes e até mesmo como pedintes. Entretanto, nesta safra do café, fiscais da Subdelegacia do Trabalho de Colatina não acharam menores trabalhando nas lavouras, ao contrário dos anos anteriores.

O aumento do trabalho infantil nas ruas da cidade é constatado pelo Conselho Tutelar de Colatina, bastante atento aos casos de prostituição juvenil e envolvimento com o tráfico de drogas. A conselheira Odete de Paula Ferreira confirma que a miséria, aliada à falta de esperança no futuro, empurram os filhos para as ruas, a fim de arranjar dinheiro, visando a suprir as necessidades da casa.

Em 2001, dezeneve meninas foram tiradas de bordéis e esquinas da cidade. Neste semestre, o número caiu para três. A maior ocorrência de menores trabalhando se deu nas feiras livres, onde foram encontrados 22 meninos ocupados

em tarefas diversas.

À noite, pelo menos uma dezena de crianças de famílias pobres sobrevive de vender adesivos, bijuterias, salgados e doces. Pelo levantamento do Conselho Tutelar, metade dos pais que procuram o órgão, criado em 1991, acha que o emprego renderá bons resultados na vida do jovem e a maioria acredita que eles se sentem mais seguros e úteis, além de o trabalho não interferir na vida escolar.

Doméstica

Uma menina de 10 anos, assistida pelo Conselho, foi encontrada numa casa de família, onde fazia serviços caseiros. "Tivemos que mandar deter uma mãe que obrigava o casal de filhos de cinco e oito anos a vender salgados na rua e os espancava se caso a vendagem não fosse satisfatória", disse a conselheira Odete.

Ela destaca que pessoas de famílias com renda de até dois salários mínimos, procuram emprego para os filhos, almejando sua independência financeira.

Perigo não assusta as crianças

O perigo das ruas, polícia, violência fora de controle e a madrugada parecem não assustar o grupo de pequenos ambulantes que perambulam pelas ruas de Colatina.

Eles são unânimes em afirmar que o dinheiro das vendas de doces, salgados e bugingangas vai direto para as mãos dos pais. Esperto e atarracado, J.C.P, 14 anos, desde os 7 sai à noite para vender adesivos, colares e pulseiras. Diz não se adaptar às funções convencionais e tem problemas de relacionamento com os colegas de escola. "Aos domingos ganho R\$ 2,00 da minha mãe, para ir à piscina", conta J.C.

Já a menina C.S., 14 anos, de fala lenta, vestes limpas e arrumadas conta que trabalha na venda de doces pela obrigação de "ajudar a colocar comida em casa". Chega à Avenida Beira-Rio por volta das 7 horas e vai para casa somente depois da meia-noite. H.S, 13 anos, en-



Nilo Tardin

graxa sapatos desde os 6. Avisa que não quer sair das ruas, porque ganha "dez vezes mais do que o governo oferece para ficar em casa". Lavando carros desde dos 8 anos de idade, Wil-

lian de Souza, 20 anos, vê com satisfação o caminho percorrido até aqui, uma vez que conseguiu construir a casa dos pais "e levantar mais laje". Não acha que a infância foi perdida.

SUCESSO

Willian, hoje com 20 anos, lava carros desde os 8 e já conseguiu fazer uma casa para os pais, terminar o ensino médio e agora quer estudar para ser médico

Chegou a terminar o ensino médio e sonha em ser médico.

"Conseguí várias coisas nesta profissão. Posso sair e comprar coisas para meu gasto e ajudar meu pai, que está desempregado", conta Willian. Duas crianças com idades de 12 e 14 anos também vivem de lavar carros nas ruas da cidade, usando a água de uma nascente no muro de arrimo da Rua Pedro Epichin.

desta cidade. O faturamento mensal gira na casa dos R\$ 25 mil e 20% do faturamento líquido são revertidos ao Conselho de Segurança de Colatina (Conseco), que administra o Sistema Faixa Verde de Estacionamento Rotativo.

"As atividades do Camcol estão se adequando às exigências do Ministério Público do Trabalho (MPT). Quando o motorista colatinense se recusa a pagar a taxa, prejudica um importante trabalho social. Mantemos cursos de informática e psicólogos visando a orientar os adolescentes", disse o presidente do Camcol, Caetano Sabadini.